



O Gaiato

2 DE MARÇO DE 1974
ANO XXXI — N.º 782 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Trinta anos

ESTAVA longe de pensar que haveria de escrever este aniversário de «O Gaiato», arrasado pela depressão que as indústrias gráficas (e tantas outras...) atravessam. Júlio tem falado várias vezes da falta de papel... Ultimamente tenho ouvido queixas aos meus impressores, de dificuldades com tintas... A máquina de dobrar, cansada de tantos jornais que já dobrou e de tantas mãos que a (des)afinaram, jaz há quanto tempo no estaleiro, esperando a hora feliz em que o mecânico estará disponível para uma profunda renovação...

Porém, o que verdadeiramente me acordou para todas estas carências e me leva a escrever sob o seu signo, foi esta carta tão amiga que, de algum modo nos compensa de muitos desconcertos que o horizontalismo dos homens produz.

«Sobem assustadoramente os preços de todas as matérias-primas.

O petróleo, a tinta de tipografia, o papel de jornal, etc., estão cada vez mais caros e difíceis de obter.

O nosso «Famoso» já disse se fez eco e pediu providências a quem de direito.

Por virtude dessa falta, estão já em curso grandes medidas de economia e dizem até que um grande jornal de Nova York, daqueles que fazem tiragens diárias de vários milhões de exemplares, não só reduziu as páginas, mas fez muito mais — deu ordem à tipografia para não pôr os pontos nos «ii» (únicos acentos na ortografia inglesa) e com isso economizaram toneladas de tinta no valor de milhares de dólares!

Ao saber disto, meu coração estremeceu! Não vá dar-se o caso do meu querido «Famoso», forçado pela crise, também decida adoptar a mesma medida e ao escrever os seus artigos, não me ponha os pontos nos «ii»!

Para que tal não aconteça e porque o preço dos jornais já subiu, aqui lhes envio este cheque que podem receber aí no Porto, para acudir ao custo da tinta, mas... entendidos!... artigos com todos os pontos nos «ii» é que é preciso!

Desculpem o trocadilho e recebam um grande abraço de muita amizade que lhes envia este vosso velho amigo.»



Esta carta, buscando acentos de oportunidade no contexto económico, é bem uma mensagem de parabéns, um voto de responsabilização, de que jamais caiamos em tentações de oportunismo. A Verdade, a Justiça, a Caridade, que uns aos outros nos devemos, são o nosso ideário — de que nenhuma circunstância nos afaste. Se menos papel, se menos

Cont. na QUARTA página

LOURENÇO MARQUES

Apesar de há tantos anos ao serviço da Obra da Rua e de a conhecer por dentro antes de lhe pertencer, há duas coisas a que ainda não me habituei. Uma, o desgaste físico e moral de quem está na primeira linha de serviço aos rapazes; a outra, a afluência de donativos generosos de conhecidos e desconhecidos, que, sem dar por isso, fazem o milagre do nosso viver.

Pai Américo deixou-nos gravado no espírito: «Os padres da rua são, por natureza, o Pai de Famílias, o homem aflito, queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgaste final — a morte. Não se molestem e sofram até ao fim, a ingratidão dos a quem servem, se a houver. É o sal. É a recompensa divina; eles são servos de Deus. Por estas dores chega-se mais depressa à contemplação do Homem das Dores, que levou a vida a servir».

Acontece que hoje saí de Casa «aflito e queimado interiormente.» Há dias em que a caminhada se torna tão penosa que as forças físicas falham. É muito difícil sofrer até ao fim. É necessário procurar refúgio e conforto. Somos humanos, mesmo quando só buscamos o divino. Cristo também sentiu náusea pelo sofrimento: «Afasta de mim este cálice». Entretanto, como diz o Salmista, «o que semeia em lágrimas, recolhe a cantar». E nesta esperança vou procurar um pouco de alento para continuar.

A outra coisa, dizia, a que não me habituei ainda, é a afluência imprevista de donativos. Fica para a próxima crónica o que aqui nos têm dado. Nesta vou só narrar um caso.

Aquele dia foi de pagamento aos nossos credores. Não a todos, mas a quantos chegou o dinheiro. A passar de setenta contos! Ficou no Banco um restinho de menos de mil. Fiz um acto de fé. As dez horas saí do escritório para uma volta pelos

Cont. na QUARTA página

Malanje

● É pouco o que fazemos uns pelos outros. Não me expreso bem... Assim como que criar uma estrutura que canalizasse com eficiência um contributo de todos — a favor dos mais débeis.

Quem são estes e onde estão?

Há dias um trabalhador partiu uma perna. Hospital. Não lhe faltou assistência.

E à família? Aqui tudo faltou. Mulher com cinco filhos a mastigar o que o marido ganhava — e tão simples, lá no mato — que nem se soube queixar.

Assistente social do Bairro? Assistente social do Hospital? Assistente social da empresa?

«Foi desastre...» Maior razão.

Dei o dinheiro que trazia comigo. Que resolvi?

O tal imposto canalizado com eficiência e critério numa estrutura capaz. Isto sim.

● Se a maior parte das sanzalas tem terrenos de sobra e bons e as baixas das sanzalas que nos rodeiam alimentam quase uma cidade, porque dão capim?

Cont. na QUARTA página

FESTAS

● COLISEU
dia 14

● AVEIRO
dia 15

Ano após ano a palavra «Festas» é cabeçalho de algumas colunas de «O Gaiato». Para nós é problema a resolver no princípio de cada ano. Depois de um período quase áureo, o fogo vem a extinguir-se e este ano quando se pôs o problema de sempre «haver ou não haver», que nos outros anos estava antecipadamente resolvido, ou quase, para o sim, soou-nos um pouco a despedida. Houve prós e contras. A balança tanto pendia para um lado como para o outro. Finalmente houve motivos que nos decidiram:

Cont. na QUARTA página

Vozes de Emigrantes

Como é hábito no aniversário do nosso Jornal, aqui está a «Colaboração dos Leitores». Ao longo do ano chegam-nos muitos ecos da resposta surgida nos corações daqueles que lêem «O Gaiato». Estas páginas são uma amostra.

Esta comunicação é revigorante, tanto mais que todos precisamos de ajuda: os de cá e os de lá.

Que este novo ano de «O Gaiato» consiga ainda maior comunhão com os seus leitores; e que através dela a nossa vida marche **MAIS ALÉM.**

O «FAMOSO»

«Hoje, envio pagamento da minha assinatura. Que o «Famoso» não é jornal que se pague! Ele é a minha meditação quinzenal, que tantas vezes me inquieta, e não menos vezes me conforta, sempre a mostrar-me a força viva do Evangelho.»

«Sou assinante do Jornal «O Gaiato», que leio de fio a pavio e do qual recebo muita ajuda.

O vosso Jornal é a aplicação viva do cristianismo na vida; e hoje, como em todos os tempos, o que nos falta é a vivência cristã. Há um desencontro muito grande entre o que acreditamos e o que vivemos. Também temos falta de sacerdotes que nos ajudem a fazer essa ligação tão importante, entre a vida e a Fé.

O vosso testemunho de vida é formidável neste aspecto. Oxalá todos o apreendessem!...

«Junto envio uma migalhinha para o «Famoso».

Nunca poderei deixar de o comprar quando passar por um gaiato, mas assim também não passarei sem algum número que porventura não tenha oportunidade de comprar. A mensagem que ele transmite não se pode perder.

Que Deus vos ajude e que os homens vos compreendam e imitem na vivência do Evangelho.»

«Tenho recebido o jornal na devida altura. Ainda não faltou um. Só gosto de o ler quando estou só, para ler e saborear. Dá-nos grandes lições e a sua leitura chega-nos ao fundo da alma. Nem uma só letra fica por ler e às vezes são duas vezes.»

«Lamentavelmente atrasei-me com o pagamento da minha assinatura. Com a preocupação de verificar se alguns assi-

nantes por mim propostos não se teriam esquecido de pôr as suas contas em dia, procurei localizá-los para me responsabilizar por essas assinaturas. Acontece que o tempo foi passando e cheguei à vergonha de receber o postalzinho bem merecido para me acordar. Entretanto também vários acontecimentos ajudaram em certa medida a alguma desorientação. Faleceu um meu filhinho com nove anos de idade que, creio firmemente, está vivendo a eterna alegria da presença do Senhor. Obrigado pelo cristianismo autêntico das páginas de «O Gaiato» que tanto nos ajudam a não perder de vista o fim da nossa caminhada neste mundo.»

«Venho informar que enviei importância para liquidar as minhas dívidas em atraso pelo envio do Jornal que, com tanto bom senso e actualidade, vai apontando as misérias que, infelizmente para todos nós, conti-

VOTOS

«Formulo os melhores votos de prosperidades para a Obra que bem merece o carinho de todos quantos crêem na força dinamizadora que é a solidariedade humana, esta sempre viva nas páginas desse pequeno grande Jornal.»

«Que Deus vos abençoe e dê coragem para prosseguir nessa luta que eu adivinho ingente, de fazer vossos, os filhos

O Amor é comunicativo

«Caríssimos: Que o Senhor me perdoe por O esquecer ao esquecer-vos...

Mas Ele não se esquece de mim e de vós e, assim, cá estou a cumprir com o que me ordena.

Desculpai não ser mais, mas vai o que é possível, deste lar em que somos nove.

Estamos sempre convosco em Jesus Nosso Senhor.»

nuam sem remédio, tantas vezes por inércia de quem poderia pôr termo à maior parte delas.»

«Na impossibilidade de remeter dinheiro da Metrópole, logo que me seja possível remeter alguns valores que, embora não sirvam para pagar nada do muito que a nossa magnífica Obra tem feito e continua a realizar aí e aqui em Angola, servirá, quanto mais não seja, como lembrança de quem, na leitura de «O Gaiato», tem encontrado momentos de prazer espiritual.»

«A leitura de «O Gaiato» convida à reflexão e ao exame de consciência. É uma lição permanente de juventude e de amor, um grito de alarme na modorra confortável em que vivemos.

Pelo bem que nos faz, obrigada.»

de quem não tem pai nem mãe que possam ou queiram fazê-los crescer para a vida.

Um abraço de amizade.»

«Desejo-vos um Novo Ano muito feliz, na continuação da vossa cruzada de bem-fazer, aos gaiatos e aos amigos que à distância vos acompanham, porque a vossa leitura estimula os corações e por vezes fere e morde, para curar... os privilegiados da injustiça social, da injustiça humana.»

«Para ganhar muitos marcos é preciso trabalhar, ter saúde e ser novo e eu não tenho nada disso — não sou nova, estou sempre doente e por essa razão não posso trabalhar.

«O Gaiato» é uma das poucas e únicas satisfações que tenho — a única visita — e uma visita a que nos acostumámos tanto que, se tarda, digo logo: «O Gaiato» nunca mais vem!» E o meu marido quando chega pergunta: «Então «O Gaiato» ainda não veio?»

Admiro e respeito todos e Deus lhes dê sempre saúde e forças para continuarem com essa coragem admirável. Isto não é um elogio. De modo nenhum. Nem tenho jeito para o fazer, nem gosto. Mas uma retribuição pelo muito que me têm dado através de «O Gaiato».

Retribuição, também não, afinal, pois é insuficiente. É antes um obrigada reconhecido.»

«Bons amiguinhos Em virtude de estar longe da nossa Pátria, vós estais presentes no meu espírito. Por isso, nesta quadra tão linda, mas muito triste para alguns, nem por isso eu me esqueci dos meus amiguinhos e de cá da América vos envio a pequena quantia para que o vosso Natal seja um pouco mais alegre. Desculpai por ser pouco, mas eu também sou pobre. Se assim não fosse, os meus pais não tinham emigra-

do. Se Deus quiser e nos der saúde por uns 4 anos, para eu acabar a escola, depois regressaremos à Pátria de onde todos nós temos muitas saudades, especialmente a minha mãe. Tem-lhe custado muito as saudades.

Quando pudermos, gostaria de receber cá o vosso Jornal para assim estar mais perto de vós. Espero que me mandem o Jornal para aqui.»

«Eu, a residir em Bruxelas, nas minhas orações peço sempre a Deus, a vossa protecção, que o vosso Jornal é digno de ser lido duas ou três vezes. E não quero que me deem um jornal para o lixo, que tenho em meu poder grande número. E um homem, por muito inculto que seja, quando começa a ler o vosso Jornal não se cansa nem se fatiga. Porque é um jornal muito instrutivo e educativo. Nós somos uns emigrantes, mas foi uma das maiores asneiras que eu fiz assim como centenas deles que procuram emigrar. E para quê? Somos obrigados a trabalhar de tudo; e em tudo. E nós com um País bom, e um bom clima, e tanta falta de mão de obra! Mas nesta ocasião quase me será impossível, sem resolverem os assuntos de segurança.

Esperamos sempre o vosso Jornal.»

Aspiração de Altura

«...É uma gota de água num oceano imenso de despesas e encargos. É uma ninharia tirada às nossas economias.

Não devia ser assim!

Tenho a impressão de que as nossas ajudas nada representam diante de Deus, pois nem chegam a representar sacrifícios ou grandes renúncias.

Como seria bom que todos pudessemos comer da mesma mesa, como grande família humana, filhos do mesmo Pai,

irmãos no mesmo fraternal amor!»

«Tenho atravessado uma crise de Fé e de Esperança. A leitura do vosso Jornal, às vezes, é suave bênção e resposta a muitas das minhas dúvidas que, mais ou menos durante os meus 52 anos de existência, sempre me têm atormentado.

Culpas? Sem dúvida que as

Colaboração dos Leitores



«Estou-lhe agradecido pelo seu «sinal de vida».

Sensibilizou-me imenso o convite que nos fez (a mim e ao Amadeu) de regressarmos ao vosso meio que, de certo modo é também nosso, uma vez que o temos sempre presente. Eu, sinceramente, no verão passado, apenas fui aos gaiatos. Nada dei. Senti-me mesmo um inútil, descuidando até o bom exemplo que poderia ter dado. E é por isto que eu temo: — ir segunda vez aí e não deixar nada, deixar-vos de mãos vazias e regressar cheio de boas lições e de testemunhos vivos dados pelos mais pequenos. Mas o optimismo sempre esteve do meu lado e, se receio cair segunda vez, temo ainda mais a cobardia de não tentar melhorar o que passou. E assim, se não concretizar uma ida à Alemanha nas próximas férias, então estarei certamente aí.

Pensei que poderia ser-vos útil uma gravação de cânticos litúrgicos donde se aproveitariam alguns para a Eucaristia de domingo. Se o sr. Padre vê que isto pode trazer-vos algum proveito, é só dizer e logo que a gravação esteja pronta, recebê-la-á.

Gostaria de fazer alguma coisa pela Obra, mas para

tenho. Quedas? Imensas e de todos os géneros.»

«É sempre com grande prazer que me encontro convosco, de 15 em 15 dias, por intermédio de «O Gaiato». Devo confessar que o espero ansiosamente e que a sua leitura me faz um bem imenso; pena é que a minha pouca Fé raramente traduza em actos os bons propósitos que dela nascem. E, Deus sabe quanto desejaria a conversão dos meus e a minha própria!

É nessa ordem de ideias que vos escrevo pedindo-vos que, nas vossas intenções, peçais ao Senhor por nós: o meu marido, o meu filho e eu — pela nossa conversão. E, por isto tudo e por todo o bem que espalhais com «O Gaiato», um grande obrigado.»

Inquietação Sacerdotal

isso preciso ainda de a conhecer melhor, de lhe medir e sentir os anseios e dificuldades. Vou-a conhecendo aos poucos pela leitura do Jornal que, quinzenalmente, vem para o Seminário e, então, mesmo ao vivo, nesses dias que tive a felicidade de passar na vossa Casa. Interessando-me pelos outros, além de cumprir o mandato do amor ao próximo, trabalho para a minha realização pessoal.

Recordo que alguns dos nossos padres queixam-se de

que não têm que fazer nas paróquias. Parece-me que, se ele, padre ou leigo, se interessar pelos pequenos da sociedade, pelos «filhos da rua» como chamava o Pe. Américo, essas horas de descanso acabarão...»

«Muito agradecendo as vossas apreciáveis ofertas de livros e Jornal, envio uma pequena lembrança que quer ser apenas reflexo da pinta do (x) do luminoso «sim» que

todos devemos dizer à vossa Obra.

Cumprimentos ao meu conterrâneo Júlio Mendes.»

«Caros amigos:

Os meus votos de que continueis com entusiasmo na cruzada há anos lançada pelo grande Padre Américo. Fez revolução com Deus e, por isso, a sua mensagem não se extinguiu.

Aos Padres que têm sobre os seus ombros o pesado mas honroso encargo de dar a mão aos da rua, quero abraçar com muita amizade. Se um dia aqui quiserem falar, queiram dispor, porque o Evangelho é resgate de almas.

Estou convosco no ideal que quereis levar a toda a parte: O ser pobre e amigo dos Pobres é graça que sempre quis pedir a Deus e tenho alcançado.

Aos briosos rapazes da equipa de «O Gaiato», um abraço amigo.»

Atrasados mas penitentes

«Desde há muitos anos que não pago nada da minha dívida para convosco. Tenho recebido o jornal de «borla». Acontece que já há muitos anos passei a viver em Lisboa. E o «Famoso» continua fielmente a chegar a casa de meus pais, já idosos, que com ele se vão, não digo entreterendo, mas enternecendo.

Segue agora esta importância. Prometo ser mais «atencioso para o futuro.»

«Profundamente agradecida pela tolerância que usam para com os «caloteiros», peço me desculpem a sempre involuntária falta de pagamento.

Custar-me-ia passar sem «O Gaiato» de que já era assinante meu pai, falecido há 25 anos e graças à vossa benevolência, tenho todos os livros editados até hoje.»

«Quero aproveitar a oportunidade para lhes pedir muita desculpa pelo atraso na liquidação.

Vem a propósito lembrar que ao contrário do meu procedimento, «O Gaiato» vem

às minhas mãos, teimosamente certo! Quanto lhes agradeço a «teimosia», pois é sempre no aconchego do lar, com a família reunida, que ele é lido, comentado e, podem crer, serve de lenitivo! É que também tenho em casa, um calvário, e o que é pior (para mim), não tenho a certeza de ter aquela Fé necessária para arrostar, como os senhores, com mil e uma dúvidas.»

«Fica paga a dívida do dinheiro, mas nada da minha consciência, pois eu conhecia mal a vossa Obra, mas prometo ajudá-los mais e melhor quantas vezes puder. Nunca mais os esquecerei. Depois de lidos os vossos livros a nossa consciência fica em sobressalto por aquilo que se podia fazer e às vezes (quase sempre) por deixar-andar, não se faz: Quem está bem deixa-se estar. Mas enfim, de vez em quando, Deus ainda nos manda almas boas como a do nosso saudoso Pai Américo.»

O espírito é que determina a JUVENTUDE

«Pega neste vale e manda para o Jornal «O Gaiato» — É meu irmão, vosso assinante, que me dá esta ordem; e eu gostosamente cumpro. Mas sabem, meus amigos, quem vos escreve tem 84 anos completados ontem. Graças a Deus eu dou, por me dar esta boa disposição.»

«Tenho tudo o que o Pai Américo escreveu, mas este volume é para oferecer a quem não tem conhecimento de tão grande Obra. Embora tenha «só» 85 anos, sou Gaiata desde que a Obra nasceu; e todos os dias nas minhas orações rezo pelo Pai Américo. Envio essa nota, mas as condições são más para quem vive só da terra!

Que Deus ajude sempre a Obra e os seus obreiros.»

Voices de Jovens

«Sou jovem, 23 anos, admiro imenso e amo a vossa Obra e tudo quanto fazeis pelos rapazes, rapazes esses que merecem toda a minha simpatia.

Esta tem o fim de dar cumprimento a uma obrigação. Como já vos disse, sou jovem; logo com preocupações e responsabilidades. Logo que acabei os meus estudos (equivalentes ao 2.º ciclo liceal) procurei uma colocação, mas infelizmente hoje é difícil, vós estais a par disso em virtude de terdes tantos «filhos»; por isso sabeis bem como as coisas se processam. É preciso a tão falada «cunha» senão o dito emprego nunca mais surge. Como eu estava dentro de todas essas dificuldades meti ombros à tarefa e fui batendo de porta em porta. Como admiro muito aquele que foi o fundador da vossa maravilhosa obra de amor, pedi a sua intercessão, fazendo o propósito de logo que arranjassem uma colocação, enviar uma cota parte do meu primeiro ordenado.

Acontece que felizmente já estou colocada desde Set/73. Portanto, já há muito tempo que devia ter cumprido o meu propósito, pois que não se trata de chantagem: «Se tu me fizeres isto, então eu faço e aconteço»; não, isso nunca. Mas acho que se nós gostamos de receber, devemos, na medida das nossas possibilidades, proporcionar esse gosto aos outros. Portanto, junto a esta irá também um vale; é pouco, eu sei mas é com grande alegria e com esperança de que eu o possa multiplicar. Desde já prometo, sempre que me seja possível, enviar umas migalhinhas.

Como só eu sou empregada, não poderei dispor de grandes somas; mas, poupadinho, sempre se há-de arranjar para vos mandar algo.

Espero manter o meu propósito de enviar sempre que possível um pouquinho que junto aos outros pouquinhos vos ajudará a prosseguir a vossa Obra maravilhosa de amor.

Para os mais pequeninos, um beijo com muito carinho.»

«Já regresssei há alguns meses do Ultramar, onde estive a cumprir o meu serviço militar. Felizmente tudo correu pelo melhor e depois duns meses de readaptação, encontro-me bem.

Tive a felicidade de neste período de tempo ter conseguido dar umas voltas por lá e não deixei escapar a oportunidade de visitar as vossas Casas em Malanje e Benguela e só vos digo que fiquei encantado. Notei lá o mesmo amor por tudo e por todos que já tinha encontrado cá, na vossa Casa de Paço de Sousa, que é a única que conheço. Gostei também das construções modernas e dos trabalhos que decorrem para alargamento das mesmas. Tudo muito limpo e arrumado e também senti prazer de constatar a alegria que o meu «cicerone» demonstrava ao mostrar-me o realizado e falar-me dos planos futuros, numa Obra que é deles. Não tenho palavras que consigam elogiar ou melhor, dar o verdadeiro valor do que realizais.

Depois do meu regresso, já passei por essa vossa Casa e tinha a intenção de vos entregar uma gota de água no oceano das vossas necessidades, mas é o que de momento posso dar-vos. Quero, porém, que contem comigo para o que mais precisarem, pois fico incondicionalmente ao vosso dispor, dentro das minhas fracas possibilidades.»

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



raçã itores

Festas

14 de Março, Coliseu do Porto; dia 15, Aveiro.

Lembramos os nossos Amigos que os bilhetes estão ao vosso dispor:

- Para o Coliseu, nas bilheteiras (todos os dias) e no Espelho da Moda, rua dos Clérigos 54 (em dias úteis).
- Para o Teatro Aveirense, só nas bilheteiras.

Continuação da PRIMEIRA página

os do Norte não fazem Festa. Se vamos ficar um ano sem ela, depois tornaremos a fazê-la?

No ano que findou havia-se decidido que o problema fosse resolvido a meias nas Zonas Centro e Norte: um ano festas para ti, outro ano festas para mim. Quem havia de ser o primeiro? A resposta veio-nos quase como ultimato de Paço de Sousa: «Este ano, como ficou resolvido o ano passado, não fazemos festas». Tivemos nós que lhes agarrar. E assim os nossos amigos da Zona Centro e da capital do Norte ter-nos-ão em seus palcos para os abraçar.

Para experimentar a nossa malta fez-se o apelo em público: «Quem quer que haja festas ponha o braço no ar». Se tivéssemos jogado uma mão cheia de rebuçados para o meio deles não teríamos tantos braços no ar. O João Paulo, que é sempre o mais comilão, até levantou os dois. Nessa hora começou o bulício cá em Casa e depois começaram os ensaios. Nas horas livres ouve-se música na sala de jogos e, se se espreitar pela janela, vê-se um grupo que, ainda desajeitadamente, ensaia os primeiros passos das suas danças.

Em primeiro lugar faremos as festas do Porto e Aveiro. Portanto, amigos das ditas terras é bom que este entusiasmo



São eles, os festeiros da Zona Norte, este ano espectadores — porque é Coimbra quem marca.

que se iniciou agora aqui, se propague também até vós. Gostamos de salas com cadeiras cheias, pois os outros espaços encheremos nós. E para vós, amigos das terras das Beiras que costumamos visitar, ter-nos-ão em vossas terras logo a seguir à Páscoa.

Lita

Quantas vezes aquela mulher veio ter connosco!? Já lhe perdemos a conta. Costumava vir só, mas, desta vez, trouxe o filho consigo. Deixou em casa mais três, se não me engano. Consigo veio o mais velho, que tem 8 anos. Foi mais uma tentativa e esta, pensava ela, seria decisiva.

É uma mulher nova, cheia de saúde. Vem pedir que lhe fiquemos com o seu filho. E, mais uma vez, lhe dissemos que não.

No momento em que a vimos sentada à nossa frente nos veio à mente a cena de Cristo com a Samaritana, à borda do poço de Jacob:

— «Onde está o teu marido mulher?»

— «Não tenho marido.»

Teve tantos quantos os filhos que tem. E, porque somos testemunha do carinho que nutre pelo filho que nos queria dar, achamos mais humano ajudá-la a ter sempre o filho consigo. Até quando? Não sabemos.

O problema das mães solteiras tende a agravar-se. Nesta sociedade em que estamos inseridos, ou nos decidimos a dar as mãos num esforço sério de pessoas responsáveis em busca da solução a partir da raiz, ou a multidão dos marginais aumentará assustadoramente.

Esta mulher é mãe dos seus filhos. Não os enjeita. Quer

Areias do Cavaco

o bem deles. Por isso nos bate à porta. Mas onde está o pai? Ela sabe quem é, mas desapareceu... Reconhece a sua culpa; toma sobre si a parte que lhe toca; luta por eles. E o pai? Há uma lei que não permite «filhos sem pai». A Autoridade tem um papel a cumprir na defesa desta mulher e dos filhos. Mas ela não confia na lei, melhor, nos executores da lei. Mais grave, porém, é o ambiente degradante em que vive esta pobre gente.

Ainda não há muito tempo, líamos num jornal a apologia das cenas «amorosas» à sombra da cana de açúcar que margina a estrada entre Benguela e Lobito. Troca-se o homem ou a mulher como quem muda de fato ou de vestido. E os filhos? Que autoridade têm esses homens e essas mulheres para falar aos seus filhos do respeito pela dignidade, pela honra a que tem direito a pessoa humana? Mas falam! E exigem respeito pela sua dignidade, pela sua honra! E até são capazes de «tranquilizar» a sua consciência com alguma dádiva momentânea para os «filhos abandonados». Se ao menos este gesto fosse o passo decisivo para uma conversão séria... O caminho da justiça é o único que redime e salva.

Há dias, conversando com os filhos mais velhos desta já tão numerosa família sobre ideias correntes acerca do «amor livre» tão apregoado nos grandes meios jovens e

adultos e alimentado por uma literatura corrente e fitas de cinema que fazem encher as salas de espectáculo, apelávamos para o grande argumento da sua experiência: «Não queirais para os vossos filhos a sorte que, na maioria, recebestes daqueles que vos deram à luz».

Continuaremos a ajudar aque-

la mãe a ter seus filhos junto de si, para que, olhando para eles em todos os momentos, tenha forças para ser mãe, já que o pai cobardemente os abandonou. E que a comunidade onde ela vive assumam também a responsabilidade que lhe toca na sorte daqueles filhos, para que não tenham de deixar a companhia da mãe, por falta de amparo material e moral.

Padre Manuel António

MALANJE

Cont. da PRIMEIRA página

Há dias, numa delas houve casamento. Vieram pedir-nos que lhes vendéssemos três couves para a sopa. Ninguém tem hortaliça nem fruta.

Há uma certa tendência na orientação das populações para a produção de produtos que podem ser trocados por dinheiro. E o dinheiro se gasta continuando as pessoas a viver com carências.

Ensaiar hortas e pomares e habituar as pessoas à hortaliça e a frutas.

Mesmo, e não seria pecado, se as autoridades obrigassem cada família a ter a sua horta, bananal e árvores de fruta.

Somos obrigados a fazer tanta coisa — ter licença do cão, pagar o imposto, andar pela direita, registar os filhos, ir à tropa...

Pois uma lei pequenina que nos ponha a plantar do que havemos de comer.

Padre Telmo

Lourenço Marques

Cont. da PRIMEIRA página

trabalhos dos operários e dos rapazes. Falava com o nosso Júlio que dirigia o pessoal do campo no arranjo do terreno em frente à Aldeia. Chega um rapaz em bicicleta a motor. Per-

gunta pelo padre da Casa e tira do bolso interior um sobrescrito com um maço grande de notas azuis, sem dizer mais nada. Ainda arrisquei:

— Não se pode saber de quem?

— Não senhor.

TRINTA ANOS

Cont. da PRIMEIRA página

tinta — pois menos li. Mas quantos se escreverem, todos com seus pontos no lugar.

Acreditamos que será transitória esta posição ridícula a que, subitamente, teve de se submeter a Exma. «Sociedade de Consumo», erguida pela estreiteza de mais um messianismozinho, qual estátua preciosa... com pés de barro!

Esperamos que havemos de passá-la sem tal afectação pelo condicionalismo material, que possa ser cumprida, como até aqui, a palavra de Pai Américo ao dar à luz o primeiro número em 5 de Março de 1944: «Aparece hoje «O Gaiato» e regressa no terceiro domingo do mês, à mesma hora; e assim por diante, todos os primeiros e terceiros até ao fim do mundo.»

Mas temos de fazer restrições, enquanto o horizonte se mantiver toldado. Temos de poupar papel e tinta. Sobras, neste transe, não são de admitir.

Por isso terá de sofrer a venda avulso. Em vez de expandi-la como seria normal, temos de limitá-la ao que se vende com certeza, e Deus permita não tenhamos mesmo de descer á quem.

Por isso pedimos aos nossos assinantes muita atenção às mudanças de endereço e a todas as circunstâncias que fazem andar por lá jornais sem conta e sem benefício para ninguém.

Por isso teremos, talvez, de dar uma grande volta ao ficheiro, em busca daqueles que, há muitos anos, não dão qualquer sinal de vida, não vá mesmo ter acontecido a visita da morte — e ninguém que de tal nos tenha avisado.

O que nós não podemos é faltar a tantos como o signatário da carta acima transcrita e a quantos testemunham nas páginas interiores deste número — pequena amostra de uma imensa falange que nos confunde, conscientes que somos da nossa insignificância, da nossa vulgaridade.

Eis, pois, uma campanha que se nos impõe, agora mais que nunca: A prevalência da assinatura sobre a compra nas ruas, apesar do aliciante contacto com os pequenos vendedores.

Seja esta data de aniversário, momento de regozijo e de reflexão. Estímulo para que cada leitor, ou cada Família leitora, receba «O Gaiato» por assinatura. Ocasão de voto por todos perfilhado: Vamos a uma séria Campanha de Assinaturas.

— Então que Deus o abençoe mais a quem o enviou.

E foi-se embora.

Como não há-de a gente cair de joelhos perante a providência de Deus que assim nos faz testemunhas do amor àqueles a quem servimos e como não hei-de querer continuar?!

Padre José Maria

